

Sagas heroicas e anti-heroicas nas narrativas jornalísticas de *CartaCapital*, *Época* e *IstoÉ*¹

Criselli MONTIPÓ²

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Resumo

O jornalismo compartilha fragmentos da realidade por meio do texto jornalístico. A presente pesquisa analisa narrativas jornalísticas das revistas *CartaCapital*, *Época*, e *IstoÉ* e busca compreender quais sentidos estão tecidos no texto jornalístico. Para tanto, analisa reportagens de perfil, a partir do emprego de recursos da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística, segundo Motta (2010, 2013). Para a análise, foram selecionadas as edições da última semana de janeiro de 2015 das revistas. Com isso, percebeu-se com clareza a construção de sagas heroicas e anti-heroicas que tornam visíveis grupos sociais enquanto marginaliza outros.

Palavras-chave: Fundamentos do Jornalismo; Narrativa jornalística; Construção de sentidos; Revistas *CartaCapital*, *Época* e *IstoÉ*.

Narrativas jornalísticas e cotidiano

As histórias humanas constroem o intrincado mosaico social. De acordo com Ricoeur (1994), a compulsão para contar ou ouvir histórias provém da necessidade humana de organizar a experiência e torná-la pública. Motta (2010; 2013) lembra que é pela narrativa que o ser humano compreende a maioria das coisas do mundo, pois constrói suas relações a partir do ato de narrar. O jornalismo, por sua vez, compartilha tais narrativas por meio do texto jornalístico. Tenta aproximar fragmentos do real do público a que se destina, tarefa bastante complexa.

É importante destacar que o jornalismo possui muitas obrigações para com seu público. Entre eles, deve atentar para sua dimensão socializadora ao difundir informações; para sua função educativa ou orientativa; para o exercício cidadão, sendo vigilante do

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, mestre em Jornalismo e doutoranda em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). E-mail: criselli@gmail.com.

sistema político e abrindo espaço para as opiniões divergentes; e ainda para o protagonismo na gestão do ócio ou entretenimento das pessoas, conforme destacam Fontcuberta e Borrat (2006).

Entretanto, quando jornalistas transformam as histórias reais em narrativas jornalísticas, tal transformação não é neutra, mas carregada de sentidos atribuídos pela empresa jornalística, pelos jornalistas, suas fontes ou, ainda, condicionantes externas, como a política e a economia. A produção jornalística resulta, então, de um processo de construção em que estão em jogo fatores de natureza pessoal, social, ideológica, cultural, histórica e tecnológica que são difundidos pelos meios noticiosos, de acordo com Sousa (2002).

A presente pesquisa analisa narrativas jornalísticas das revistas *CartaCapital*³, *Época*⁴, e *IstoÉ*⁵ e busca compreender quais sentidos estão tecidos no texto jornalístico. Para tanto, elege a narrativa de perfil, em que as vidas humanas são tratadas com mais profundidade. Em estudo recente intitulado *Pesquisa sobre revista: um olhar acerca da produção acadêmica*, Dalmolin (2013) aponta que, mesmo tendo crescido nos últimos anos, a investigação acadêmica sobre revistas apresenta lacunas. Para a pesquisadora, é urgente a necessidade de “considerar também o *tipo* de jornalismo que é produzido pelas revistas, de uma forma geral, percebendo-as a partir da intrínseca relação destas com a sociedade e suas articulações” (DALMOLIN, 2013, p 297). Ou seja, defende pensar o jornalismo de revista não somente ancorado em problematizações articuladas ao próprio campo do jornalismo.

A mídia, a realidade social e o mito

Conforme Alsina (2009), a mídia é responsável por criar a realidade social: os acontecimentos são construídos por meio da realidade discursiva. Não são apenas fatos, são, também, imagens, *constructos sociais* que podem estar associados a diversos fatores. Tanto que Lage (1979) chama a atenção para os componentes ideológicos presentes no

³ Publicada pela Editora Confiança, a revista *CartaCapital* tem como diretor de redação o jornalista Mino Carta. Já foi uma revista mensal (1994), depois quinzenal (1996) e semanal a partir de 2001.

⁴ Publicada pela Editora Globo, *Época* está no mercado desde 1998. O jornalista Helio Gurovitz ocupa a função de diretor de redação da revista desde 2006.

⁵ A revista *IstoÉ* é uma publicação da Editora Três, criada em 1976, pelo empresário Domingo Alzugaray, seu atual editor e diretor responsável (também criador da Editora Três). O início da revista *IstoÉ* teve a participação do jornalista Mino Carta. Desde 2006, o jornalista Carlos José Marques é o diretor editorial da revista.

jornalismo. Tais componentes reforçam o discurso hegemônico⁶, constroem um recorte sociocultural e, com isso, uma realidade construída.

Nessa construção, conformam-se padrões e com eles, a imprensa passa a difundir sentidos que, muitas vezes, podem estratificar grupos sociais, excluir e até torná-los invisíveis. Da mesma forma, pode valorizar outros modelos e produzir visões fragmentadas da realidade social. Medina (2003; 2006) denuncia a falta de abrangência nas narrativas da contemporaneidade. De acordo com a autora, o grande déficit provém da ausência de um modo de fazer jornalístico que trabalhe com a visão de mundo e as atrofias da sensibilidade, da razão e da ação criativas.

A autora defende a tríplice tessitura: ética, técnica e estética, que dotam a reportagem de sedução, e que devem estar presentes em todo o processo de produção, desde a pauta, nas entrevistas, até a redação final do texto. Para Medina, a reportagem pode assim contribuir para amplificar visões e situações que até então se encontravam invisíveis do grande público, pode “descobrir essa trama dos que não têm voz, (...) recriar os falares, a oratura dos que passam ao largo dos holofotes da mídia convencional” (2003, p. 52). Afinal, ao privilegiar um grupo, o relato jornalístico contradiz o que defende sobre si próprio: que é plural e democrático. Nega seu anseio de garantir a cidadania.

É importante ressaltar, no entanto, no Brasil, o termo cidadania é usado, na maioria das vezes, para marcar a posição de alguém que está em desvantagem ou inferioridade, segundo Roberto DaMatta (1997). De acordo com o autor, a comunidade brasileira é heterogênea, hierarquizada e cheia de contrastes, mas, perante a lei, todos são considerados iguais, o que torna o tema ainda mais complexo.

Paiva (2002)⁷ - que tem se dedicado aos estudos sobre as relações entre produção jornalística e cidadania - atribui ao jornalismo a responsabilidade de promover o espaço público na mídia, porém, com limitações, pois a lógica do jornalismo, segundo ela, é a compulsão pela velocidade e pelo espetáculo. A autora critica que o jornalismo não tem se mostrado capaz de promover uma mediação cidadã que englobe a diversidade de interesses dos grupos.

⁶ Marcondes Filho (2009) recupera o conceito gramsciano de hegemonia para comentar que ela é uma unidade complexa, formada por três ordens de elementos: o Estado, as instituições da sociedade política e as classes (com predominância à classe dominante). Segundo o autor, no bloco ideológico se reforça a classe de poder e o trânsito de informações está nele inserido. “O monopólio sobre o bloco ideológico significa também o domínio de mentes, domínio esse que vai além do universo estrita e imediatamente político-conjuntural” (p. 162).

⁷ Fundamentada no pensamento da Teoria Crítica, a pesquisadora Raquel Paiva promove um sentimento de alteridade em relação à construção da cidadania e suas implicações nos processos de produção jornalística. A pesquisadora defende que há discrepâncias na garantia de direitos entre elites e minorias e que o jornalismo e a comunicação são fatores-chaves para a superação de tais desequilíbrios.

Presente nessa linha de raciocínio está a noção de “cidadão de bem” difundido na mídia. Nesse ponto há, novamente, um nítido recorte que se configura na classe social, portanto, ligado a um sistema de desigualdades.

A mídia difunde, portanto, os mitos de heróis e anti-heróis, sendo importante a análise das narrativas jornalísticas, que atribuem claramente tais sentidos, pois pode colaborar na reprodução de interesses e conformar modelos.

Conforme destaca Motta (2011), o herói é o mito mais antigo, mais comum e mais conhecido de toda a humanidade porque tem forte poder de sedução e importância psicológica profunda. Segundo o autor, o mito do herói guarda um enredo universal, prodigiosamente recorrente: “nascimento humilde, busca incessante, tentações de vários tipos, provas de sua força física ou moral, falibilidade frente a essas tentações, ascensão rápida à notoriedade, declínio por traição e, finalmente, morte e ascensão” (p. 185).

Também lembra que Joseph Campbell é o autor mais citado sobre o ciclo do herói, e chama esse percurso de herói de monomito. Para Campbell (1990), os mitos são metáforas da potencialidade espiritual do ser humano: “os mitos me dizem onde estou” (p.16). Os mitos, portanto, são norteadores.

Meyer (1989) chama as representações jornalísticas de modelos perceptivos. “O modelo atrai o seu olhar para os elementos que os suportam, e uma vez que você vê esses elementos, acredita no modelo ainda mais fortemente e continua a procurar mais desses elementos” (MEYER, 1989, p.84). Nessa perspectiva, pode-se ressaltar que a imprensa atua como fator-chave de mediação entre dominantes e dominados.

Procedimentos metodológicos

Para a análise das reportagens, foram selecionadas as edições da última semana de janeiro de 2015 das revistas *CartaCapital*, *Época* e *IstoÉ* (semanais). A seleção das reportagens respeitou o seguinte critério: que privilegiasse a narrativa de contexto, com recursos como a descrição do entrevistado, do ambiente e as observações do repórter, de maneira a abranger diferentes sujeitos associados a contextos socioculturais diversificados.

A partir da seleção de reportagens que permitiram confrontar os objetivos anteriormente colocados, a investigação contou com recursos da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística proposta por Motta (2010) ou a Análise Crítica da Narrativa (Motta, 2013), como o autor chamou posteriormente. Tais recursos possibilitam o estudo das

relações humanas que produzem sentidos por meio de expressões narrativas. “A narrativa traduz o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo (o conhecimento sobre a natureza física, as relações humanas, as identidades, as crenças, valores, etc) em relatos” (2010, p. 143).

Motta (2010) lembra que as narrativas midiáticas não são apenas representações da realidade, mas uma forma de organizar nossas ações em função de performances socioculturais. São dispositivos discursivos manipulados socialmente de acordo pretensões específicas. “Narrativas e narrações são formas de exercício de poder e de hegemonia nos distintos lugares e situações de comunicação” (p. 145). Por isso, o autor defende que a narratologia pode ser usada como um procedimento analítico para compreender os mitos, as fábulas, os valores subjetivos, as ideologias, a cultura política de uma sociedade, e isso inclui as narrativas jornalísticas.

A análise deu atenção à *recomposição da intriga* (recompôr o enredo completo) e à *identificação dos conflitos*, afinal, “a situação de uma narrativa jornalística é, quase sempre, um fato de conotações dramáticas imediatas e negativas, que irrompe, desorganiza e transtorna” (MOTTA, 2010, p. 149). Também buscou investigar como se dá a *construção de personagens jornalísticas*. Essa etapa permite que os personagens sejam classificados como protagonistas, antagonistas, heróis, anti-heróis.

A identificação das *estratégias comunicativas* presentes no texto possibilita descobrir os dispositivos retóricos utilizados pelos repórteres e editores, capazes de revelar o uso intencional de recursos linguísticos e extralinguísticos na comunicação jornalística. Tais opções visam produzir efeitos de real ou efeitos poéticos.

A metodologia sugerida por Motta também aponta para a investigação acerca do *contrato cognitivo* e da *relação comunicativa* firmados pelo narrador, chamada de perspectiva narrativa, situação narrativa ou instância narrativa. Segundo Motta (2010), mais recentemente se consolidou a expressão foco narrativo ou focalização, que demonstra a intencionalidade do narrador na construção de sentidos.

A averiguação das *metanarrativas* ou, como explica Motta (2010; 2013), os significados de fundo moral ou fábula da história também é necessária. “É nessa dimensão da análise que o mistério da linguagem revela, em última instância, o fascinante jogo entre as intenções e interpretações da comunicação jornalística” (MOTTA, 2004, p. 130). Para o autor, ainda que a narrativa jornalística pretenda ser isenta e imparcial, é fortemente determinada por um fundo ético ou moral.

Sagas heroicas e anti-heroicas

A análise da edição 834, de 28 de janeiro de 2015 (versão digital), da revista *CartaCapital* contemplou *As aventuras do último tropeiro*, escrita por René Ruschel. A narrativa trata de Otávio Reis que, aos 101 anos, é considerado o último tropeiro vivo. O personagem nasceu em 23 de janeiro de 1914, à beira do Rio Iguaçu, atualmente Porto Amazonas, a 80 quilômetros de Curitiba, capital paranaense.

Segundo Ruschel, Reis segue dono de uma memória ímpar, pois recorda de fatos em detalhes, nome de pessoas e locais por onde passou ou viveu há 90 anos. “Surgem com facilidade na ponta da língua, confiantes, fazendo de sua saga pessoal uma fábula fluente”, descreve o jornalista. Desta forma, percebe-se que o repórter constrói o personagem como um herói fabuloso. “Sempre fui magro e isso ajudou muito a cavalgar sobre o lombo de mulas e cavalos”, diz o entrevistado.

O repórter narra a saga com o uso de recursos, chamados por Motta (2010; 2013) de estratégias comunicativas: “Não demorou a viver sua primeira grande aventura. Em 1928, aos 14 anos, incorporou-se a um grupo de tropeiros para percorrer aquela que era a rota mais importante do comércio de mulas do País: o trajeto Viamão”. O personagem continua a ser descrito como um herói, já que dos sete filhos, cinco nasceram no norte do Paraná. Desses partos, dois foi ele quem fez. “Quando nascia a criança, ele a amparava e, com uma tesoura comum, cortava o cordão umbilical”, narra o repórter. “Enfaixei o nenê e entreguei à mãe para amamentar. Depois acendi uma vela e cauterizei o corte. Assim, os dois, mãe e filho, dormiram como anjos”, finaliza Reis, destacando a heroicidade do personagem.

Na análise da revista *IstoÉ*, edição 2356, de 28 de janeiro de 2015 (versão digital), o foco foi na reportagem de Helena Borges, intitulada *Leopoldina, a feminista*, que trata da imperatriz que, segundo a gravata do perfil, “deixa de ser vista como a esposa deprimida pelas traições do marido para figurar no centro do tabuleiro da monarquia brasileira”.

A narrativa busca evidenciar aquilo que os livros de história muitas vezes negligenciam, de que cinco dias antes da data em que é celebrada como a da Independência (7 de setembro), um decreto separou o País de Portugal (2 de setembro de 1822). O documento foi assinado pela então regente, dona Leopoldina, mulher de dom Pedro I.

A repórter destaca que a personagem foi figura subestimada até recentemente por diversos pesquisadores e professores: “a primeira imperatriz brasileira volta a ser estudada e deixa de ser vista como aquela que entrou em depressão após incontáveis traições para

figurar no centro do tabuleiro estratégico da política monárquica”. Ainda, de acordo com a reportagem, Leopoldina era a autora dos discursos de dom Pedro e consultora pessoal do príncipe regente em assuntos políticos. “A princesa austríaca ressurgiu como um símbolo feminista da história política brasileira”, destaca a narradora.

Complementa a repórter: “Fez parte de uma linhagem de mulheres de personalidade forte e, em sua infância, teve aulas de estratégia e filosofia, rotina de muitos príncipes, o que a tornou a principal conselheira de dom Pedro I”. Finaliza a reportagem com a fala da diretora do Museu Histórico Nacional, Vera Tostes, para quem Leopoldina trazia uma educação que ressaltava a responsabilidade de seu papel político. “Sem dúvida pode ser considerada um símbolo feminista na história brasileira”, opina a entrevistada. Portanto, em diversos trechos do texto a repórter evidencia a ideia de que a imperatriz foi uma heroína.

Ainda na mesma edição digital da revista *IstoÉ* (número 2356, de 28 de janeiro), há a reportagem *O segredo do rei da cocaína*, assinada por Ana Weiss, que tem como gravata: “A vida do mais violento e poderoso traficante da história, Pablo Escobar, impressiona mesmo mais de duas décadas depois de sua morte. Novo livro, filme e duas séries para televisão revelam faces chocantes de uma personalidade tão doentia quanto sedutora”.

A narrativa trazida na editoria *Cultura – Personalidade, televisão, em cartaz*, destaca, logo no início, que Pablo Escobar se tornou uma das maiores fortunas do planeta no comando da mais poderosa organização criminosa da história da América Latina, o Cartel de Medellín, com a qual controlava 80% da cocaína consumida no planeta. A foto em preto e branco amplia a dramaticidade e cria expectativa para a narrativa do anti-herói, que traz, já no título as palavras “rei”, de caráter positivo, seguida de “da cocaína”, de caráter negativo, o que atribui ao personagem um comportamento ambíguo. Tal figura de linguagem está presente, de forma sutil, em todo o texto.

O perfil foi escrito para informar sobre a série *Pablo Escobar: o senhor do tráfico*, baseada na biografia do personagem escrita pelo jornalista Alonso Salazar J. Conforme Weiss, entre os 11 milhões de pessoas que se prostraram em frente à TV no primeiro episódio – transmitido no Brasil pela Globosat –, encontravam-se viúvas, filhos e sobrinhos das vítimas de Escobar. A repórter também destaca que, apesar da acusação de glorificar e até martirizar o homem considerado o maior traficante do mundo pelo Departamento Estadunidense Antidroga (DEA) - órgão do Departamento de Justiça dos EUA - a audiência não caiu um ponto sequer entre um episódio e outro.

A repórter esclarece o tom da narrativa: “O livro que deu origem à série, fruto de 16 anos de pesquisa de Salazar, explica em alguma medida o fascínio popular pelo anti-herói em seu país”. Afinal, na mesma semana em que Escobar derrubava um avião e explodia supermercados e redações de jornais, “o capo do narcotráfico mandava construir casas para os moradores das favelas onde buscava seus piores soldados, assassinos de aluguel, chamados de sicários”.

Entretanto, a narrativa abre espaço também para a controvérsia sobre o personagem: “Quando grupos humanistas contestaram a série colombiana, Fidel Cano, diretor do jornal *El Espectador*, que teve o tio assassinado por Escobar, observou que, além do criminoso, a obra baseada na biografia contemplava a voz das vítimas”. E acrescenta a opinião de Fidel Cano: “Para ele, se a sociedade prefere o traficante, há algo mau nela, e não no programa de TV”. Nesta reportagem há uma tentativa de equilíbrio entre a construção do herói e o anti-herói que integram o mesmo personagem.

Já a análise da revista *Época* (Edição 869, de 30 de janeiro de 2015, versão digital), é mais incisiva. Trata-se de um *Caso extraordinário*, conforme destaca o chapéu da matéria *O matador de travestis*, assinada por Aline Ribeiro. O perfil trata da vida de Cirineu Carlos Letang, segundo a repórter, *serial killer* de travestis.

Ela separou o texto em cinco capítulos. O que aproxima a narrativa de um conto, por exemplo. No Capítulo 1, intitulado *Um preso especial*, ressalta que Cirineu Carlos Letang preso no Presídio Militar Romão Goes - o único do Brasil exclusivo para Policiais Militares (PMs) - participou do massacre do Carandiru. No Capítulo 2: *O soldado da Rota*, conta que Letang virou policial em 1985 e narra o massacre no Carandiru.

Já no Capítulo 3, aborda mais detalhadamente os fatos que dão título à matéria e ao capítulo: *O matador de travestis*. A repórter descreve que numa área de prostituição, Letang parou o carro, baixou o vidro do passageiro e chamou um travesti que esperava por um cliente. José Wilson da Silva, de 30 anos, conhecido como Valéria, curvou-se até o veículo para combinar o programa. “Segundos depois, levou um tiro fatal no rosto. Na mesma madrugada, Letang já havia matado outros dois travestis: os irmãos Reginaldo e Jaime Félix da Silva, de 22 e 24 anos, de codinomes Viena e Wilma”.

A repórter opta por ser uma narradora onisciente, que vê de uma perspectiva ilimitada, para recompor os fatos. O mesmo ocorre no Capítulo 4: *A última vítima*. Neste trecho do texto, narra o local e alguns detalhes sobre o programa do ex-PM com Alison

Pereira Cabral dos Anjos, ou Camila Close. “Letang pagou com uma nota de R\$ 50. Por se recusar a dar troco de R\$ 10, Alison levou vários tiros. Um deles no olho”.

Na última divisão do texto, o Capítulo 5, intitulado *O psicopata*, a repórter salienta que todos os psiquiatras e psicólogos que conversaram com Letang o diagnosticaram como psicopata. “Questionado sobre os crimes que lhe são atribuídos, não franze a sobrancelha, não mexe os olhos, não transparece emoção”. E acrescenta: “O único assunto que parece mexer com ele é o Carandiru. Ao falar do massacre, seu olho brilha, diz um delegado. Parece manter alguma espécie de orgulho desse crime”, encerra.

Portanto, também nesta narrativa está presente a imagem de anti-herói, pois o personagem era policial militar (responsável por manter a ordem) e transforma-se no “matador de travestis”, conforme destaca a repórter.

O espaço para a dissonância é pouco perceptível em tais narrativas. Entretanto, para a estética de perfil, Vilas-Boas (2003) sugere que sejam evitados pensamentos binários do tipo “santo ou demônio”, “algoz ou vítima”, “melancólico ou eufórico”. O cuidado é devido tais modelos de polos distintos encontrarem espaço na memória social, difundida também pela mídia.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) destacam que a retórica contemporânea busca o exemplo para a argumentação. “Como exemplo, permitirá uma generalização; como ilustração, esteará uma regularidade já estabelecida; como modelo, incentivará a imitação” (p. 399). Basta lembrar que a imagem da realidade é construída socialmente (Berger e Luckman, 2001). Os autores observam que a apreensão da realidade social se dá mediante padrões recorrentes de interação, de forma objetiva e subjetiva, posição que é complementada por Lippmann (2010), para quem as pessoas agem tendo em vista não a realidade que as cerca, mas as imagens mentais sobre tais realidades.

Amossy (2005) chama tais modelos ou imagens de estereótipos. A autora alerta para os riscos oferecidos pela representação da realidade por meio de estereótipos: “a estereotipagem é a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado” (AMOSSY, 2005, p 125). Ao selecionar e construir um estereótipo, as revistas estimulam a conformação aos moldes e o espaço para a diversidade - defendida pelo ideal democrático de jornalismo - é abalado.

Segundo Paiva (2002), é entristecedor constatar que o jornalismo atual não repara no que produz, já que deveria estar para além de ser espaço de reprodução de valores segregacionistas.

A grande e inexorável verdade é que o esforço da padronização é a cada dia maior e tem consolidado um tipo de ágora, com um conjunto de normas específicas para cada segmento populacional, num território multifacetado, onde estas múltiplas ordens não fazem qualquer sentido no geral e funcionam como meros curto-circuitos num contexto em que define a olhos vistos o ideal dos valores universais. E uma vez que se distancia cada vez mais a possibilidade da reunião e experimentação das diversidades, instaura-se fortemente em seu lugar a **ágorafobia**, detectável pelo pânico do contato, a priorização dos esquemas de segurança privada e pessoal (PAIVA, 2002, p. 39, grifo do original).

A autora defende que os jornalistas deveriam produzir narrativas capazes de atrair o olhar atento e interessado para as culturas diversas (PAIVA, 2002, p. 40), o que precisaria ser observado nas narrativas das revistas. Além disso, Benetti (2013) destaca que, complexo, diversificado e especializado, o jornalismo de revista engendra olhares e percepções sobre o mundo (sobre si e também sobre o outro), de modo que, nesta articulação, reside seu amplo e fecundo poder.

Portanto, tal prática jornalística de construir estereótipos pode contribuir para a reprodução da desigualdade, tornando os grupos à margem, invisíveis, portanto, gerando violência simbólica. Para Bourdieu (2006), o poder simbólico se opera com a contribuição dos que estão sujeitos. Entretanto, tal cumplicidade não é concedida por um ato conscientemente deliberado, mas é o efeito de um poder inscrito nas relações entre dominantes e dominados, sob a forma de esquemas de percepções e imposições.

Considerações finais

Benetti e Hagen (2010) lembram que institucionalmente, as revistas buscam criar uma imagem de independência, defesa da democracia, competência profissional e compromisso com o leitor. Entretanto, “esta imagem é uma representação, e não a realidade de seu fazer jornalístico. Ainda assim, esta representação de si realimenta crenças amplamente disseminadas sobre o que é jornalismo” (BENETTI; HAGEN, 2010, p. 12).

Tal perspectiva foi percebida a partir da análise das reportagens de perfil publicadas nas edições da última semana de janeiro de 2015 das revistas *CartaCapital*, *Época*, e *IstoÉ* em que se buscou compreender quais sentidos estavam presentes nas narrativas jornalísticas destes veículos. Ao optar-se pela análise da narrativa de perfil, em que as vidas humanas são tratadas com mais profundidade, percebeu-se com clareza a construção de sagas heroicas e anti-heroicas.

No primeiro caso, narrativas que trataram de nobres, valentes, exemplos, valorosos, símbolos. Inclusive reforçando alguns estereótipos de bondade e dignidade. No caso dos anti-heróis, as narrativas debruçaram-se, na maioria dos fatos que demonstravam o personagem como indignos, desprezíveis, mesquinhos.

Portanto, a análise possibilitou a percepção de construções binárias, estanques, bastante criticadas por autores como Vilas-Boas (2003), Medina (2003; 2006) e Paiva (2002). Afinal, a ausência de uma visão plural acerca de todos os grupos sociais, no caso da disseminação de estereótipos e padrões pela mídia, restringe a percepção da sociedade sobre os marginalizados.

Tal exposição de mitos coloca na sombra grupos que passam a ser invisíveis no contexto social. Com a falta de representação midiática, alguns segmentos socioculturais são ainda mais excluídos. Sem visibilidade, deixam de ser vistos como cidadãos e, tornam-se à margem. Ao deixar de compor o imaginário social sofrem diversas consequências, entre elas, o preconceito e até a desassistência pelo Estado.

Diante de tal revisão, confirma-se o que já foi colocado por Dalmolin (2013), de que é preciso questionar o tipo de jornalismo produzido pelas revistas brasileiras, marcado por especificidades que permanecem praticamente inexploradas pelo conhecimento acadêmico.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. **O ethos na intersecção das disciplinas**: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

ALSINA, Miquel. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BENETTI, Marcia. **Revista e jornalismo**: conceitos e particularidades. In: TAVARES, Frederico de Mello B; SCHWAAB, Reges (Org). **A Revista e seu Jornalismo**. 1. ed. Porto Alegre: Editora Penso, 2013.

_____; HAGEN, Sean. **Jornalismo e imagem de si**: O discurso institucional das revistas semanais. In: *Revista de Estudos em Jornalismo e Mídia*. Ano VII, Nº 1. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo>>. Acesso: 13 abril, 2015.

BERGER, Peter L; e LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 20ª edição. Tradução Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

DALMOLIN, Aline. **Pesquisa sobre revista: um olhar acerca da produção acadêmica.** In: TAVARES, Frederico de Mello B; SCHWAAB, Reges (Org). **A Revista e seu Jornalismo.** 1. ed. Porto Alegre: Editora Penso, 2013.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua.** 5. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FONTCUBERTA, Mar de; BORRAT, Hector. **Periódicos: sistemas complejos, narradores en interacción.** Buenos Aires: La Crujía, 2006.

LAGE, Nilson. **Ideologia e Técnica da Notícia.** Petrópolis: Vozes, 1979.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente.** Narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

_____. **O signo da relação: Comunicação e pedagogia dos afetos.** São Paulo: Paulus, 2006.

MEYER, Philip. **A ética no jornalismo: um guia para estudantes, professores e leitores.** Trad. Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Ser jornalista: a língua como barbárie e a notícia como mercadoria.** São Paulo: Editora Paulus, 2009.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

_____. **Análise pragmática da narrativa jornalística.** In LAGO, Cláudia e BENETTI, Márcia. (orgs). Metodologia de pesquisa em jornalismo. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. **A narrativa mediada e a permanência da tradição: percurso de um anti-herói brasileiro.** In: Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, 38, 2011. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/view/6700>>. Acesso em: 2 maio 2012.

_____. **Jogos de linguagem e efeitos de sentido da comunicação jornalística.** In: Revista Estudos em Jornalismo e Mídia, Vol. I, Nº 2. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2004. Disponível em: <www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/.../2077/1819>. Acesso em: 30 mar. 2012.

PAIVA, Raquel. **Ética, cidadania e imprensa.** Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica.** São Paulo: Martin Fontes, 1996.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa - Tomo I.** São Paulo: Papyrus, 1994.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da Notícia e do Jornalismo.** Florianópolis: Argos/Letras Contemporâneas, 2002.

VILAS-BOAS, Sergio. **Perfis: e como escrevê-los.** São Paulo: Summus, 2003.

Reportagens analisadas

BORGES, Helena. *Leopoldina, a feminista*. In: *IstoÉ*. Edição 2356. São Paulo: Editora Três, 2015. (versão digital).

RIBEIRO, Aline. *O matador de travestis*. In: *Época*. Edição 869. São Paulo: Editora Globo, 2015. (versão digital).

RUSCHEL, René. *As aventuras do último tropeiro*. In: *CartaCapital*. Edição 834. São Paulo: Editora Confiança, 2015. (versão digital).

WEISS, Ana. *O segredo do rei da cocaína*. In: *IstoÉ*. Edição 2356. São Paulo: Editora Três, 2015. (versão digital).